

Educação e decolonialidade

Sandra de Souza Maciel^{1*} 

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

*Autor de correspondência: sanparteira@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Colonialidade
Educação decolonial
Epistemologia
eurocêntrica
Racismo epistêmico

KEYWORDS:

Coloniality
Decolonial education
Eurocentric Epistemology
Epistemic racism

PALABRAS-CLAVE:

Colonialidad
Educación decolonial
Epistemología eurocéntrica
Racismo epistémico

RESUMO

Esta é uma resenha da obra: OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Educação e Militância Decolonial. Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2022. Aborda a crítica ao eurocentrismo e à colonialidade na educação, defendendo práticas decoloniais e a valorização de saberes subalternizados. Foca no papel da militância e na resignificação do conhecimento.

ABSTRACT

This is a review of the book: OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Educação e Militância Decolonial. Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2022. It addresses the critique of Eurocentrism and coloniality in education, defending decolonial practices and the valorization of subalternized knowledge. It focuses on the role of activism and the re-signification of knowledge.

RESUMEN

Esta es una reseña del libro: OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Educação e Militância Decolonial. Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2022. Aborda la crítica al eurocentrismo y a la colonialidad en la educación, defendiendo las prácticas decoloniales y la valorización de los saberes subalternizados. Se centra en el papel de la militancia y la resignificación del conocimiento.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Educação e Militância Decolonial**. Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2022.

Os questionamentos acerca das implicações da modernidade/colonialidade na produção do conhecimento têm sido frequentes no campo das ciências humanas. Nas pesquisas em Educação e Ensino têm se ampliado os estudos que buscam compreender o papel do eurocentrismo nos processos de formação de professores e no currículo, além de elencar possibilidades de produção de outras práticas educacionais que articulem diferentes saberes e fazeres.

É exatamente nesse contexto que se insere o livro ora resenhado, escrito por Luiz Fernandes de Oliveira, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Organizado em três capítulos, a obra contribui com o debate relacionado à educação em uma perspectiva decolonial e militante, trazendo para o centro do debate a importância de nos colocarmos como agentes de transformação ativa por meio da crítica às narrativas produzidas pela modernidade europeia.

No primeiro capítulo, intitulado *Do Marxismo crítico ao pensamento decolonial: trajetória de uma militância política e educacional*, o autor coloca-se na primeira pessoa, relatando seu caminho político e assumindo o risco de seu trabalho ser considerado apenas um relato de experiência em detrimento de uma produção de conhecimento científico. Oliveira conta sua história forjada num contexto, político, histórico e cultural onde o marxismo e a crítica à colonialidade se misturam na tentativa de construção de “um outro mundo possível”. Ele argumenta que a inquietação o impulsionou na busca pelo conhecimento.

Essa crítica ao eurocentrismo e o avanço nos estudos sobre cultura brasileira, foi lhe levando para um novo caminho de sua militância política, no qual se percebeu, pela primeira vez, como descendente de africanos escravizados. O questionamento do eurocentrismo na educação levou o autor a operar com o conceito de colonialidade e a perceber o papel da geopolítica do conhecimento no silenciamento do subalternizado.

O primeiro capítulo do livro traz as considerações de Mignolo e de Catherine Walsh, sobre a criação de uma produção de conhecimento distinta da

epistemologia dominante, pensando nas alternativas múltiplas de vida de formas de ser, pensar e conhecer, e prepara o terreno teórico para os dois capítulos seguintes. Nesse capítulo conceitos como interculturalidade e pensamento crítico de fronteira são mobilizados e apresentados como possibilidades de construção de uma educação que se contraponha a um enfoque hegemônico de realidade sendo uma alternativa ao racismo epistêmico.

O segundo capítulo, intitulado *Produzir conhecimento e um pensar militante* reflete sobre o que é ser militante e a dicotomia de uma postura ativa do sujeito em relação ao fazer científico. Para Oliveira (2022), não há condições de produzir conhecimento sem postura militante e engajada.

Oliveira (2022) aponta que as raízes da neutralidade axiológica têm sua origem na colonialidade. Neste capítulo, o autor apresenta reflexões sobre a complexidade da racionalidade, destacando-a como base para a dominação, onde o sujeito observador não forma parte do observado. Ele traz o conceito do filósofo colombiano Santiago Castro-Gomez sobre o ponto zero, que é equivalente ao poder de Deus que pode ver sem ser visto, criando a falsa ideia de que o observador é legítimo e deve ser reconhecido o seu conhecimento como válido e universal, porque existe aí uma neutralidade do observador, acrescentando a abordagem, o princípio epistemológico absoluto, ou seja, a neutralidade da ciência como algo inquestionável.

Essa suposta neutralidade é uma das bases do controle social e econômico do mundo, em que se elimina qualquer sistema de crença que não favorece o sistema capitalista. Dentro desse ponto de vista, o conhecimento é hierarquizado, primeiro vem o saber tradicional depois o conhecimento moderno, vai desde a barbárie até a dominação. A ciência ocupa um papel quase inquestionável nos tempos atuais, embora seja uma interpretação da realidade ou uma revelação de certos aspectos de mundo.

Oliveira (2022) traz para o debate a resposta dos movimentos sociais negros em relação aos conceitos de raça e negro e uma crítica à democracia racial brasileira. Ele afirma que se os militantes da ciência hegemônica conseguiram impor suas pseudoteorias racistas, cabe à militância negra desmistificar e problematizar esses conceitos e epistemologias. Segundo o autor, a prática do

movimento negro é de fundamental importância para ressignificar o conhecimento hegemônico europeu em relação às questões raciais no Brasil.

Neste terceiro e último capítulo intitulado *O que é educação Decolonial?*, o autor sintetiza os conceitos decoloniais fazendo uma analogia com as questões educacionais. Iniciando que o conceito de decolonialidade se alinha com uma crítica à epistemologia eurocêntrica acadêmica na construção do conhecimento histórico e social, questionando a geopolítica do conhecimento.

Neste capítulo são apresentados conceitos centrais para a abordagem decolonial no campo educacional, a saber: colonialidade do ser/saber/poder, racismo epistêmico, diferença colonial, transmodernidade e interculturalidade crítica e pedagogia decolonial.

Segundo a obra, decolonizar na educação significa trazer outros conhecimentos para dentro da educação, uma epistemologia dos subalternizados, dos que foram colocados no ostracismo científico; um espaço de construção que perpassa por entender que muitas visões de mundo são possíveis, já que somos tão diversos e que existem outras lógicas fora do sistema eurocêntrico e capitalista.

Escrito em linguagem acessível, o livro é indicado para estudantes de licenciatura e de pós-graduação. Podendo ser lido como introdução aos conceitos principais da abordagem decolonial.